

**Anita M. R. de Moraes e Vima Lia R. Martin,**  
**orgs. 2019. *O Brasil na Poesia Africana de Língua***  
***Portuguesa*. São Paulo: Kapulana.**

O jogo eletrônico FIFA emula partidas de futebol. Na inicialização do *game*, o jogador escolhe em que língua quer que as narrações, descrições e legendas do jogo se apresentem. O português aparece duas vezes: numa delas, o nome do idioma vem acompanhado da bandeira de Portugal; na outra, da do Brasil. O que isso nos revela? À queima roupa, que a língua portuguesa se divide entre Portugal e Brasil, pois existe um português de Portugal (não gosto nada do jargão “português europeu”), existe um do Brasil. Ok, mas e os países africanos de língua oficial portuguesa?

O português, para a maioria de nós do Brasil, não é tão estrangeiro assim. Em virtude de inúmeras razões (e catástrofes) históricas, inclusive os sucessivos, e ainda vigentes, genocídios dos povos indígenas, o português não compete, para a maior parte da gente que nasceu no Brasil, com nenhum outro idioma pelo posto de língua primeira. É estrangeiro, claro, porque, além de ser português, é língua, e línguas são estrangeiridades *per se* – mas pronto. Já nos países africanos onde se fala português, aqueles que não aparecem no menu do FIFA, o português ainda disputa espaço com línguas vivas no cotidiano de muitas populações, e essa experiência, em tudo cheia da violência colonial, mantém ainda algumas marcas.

Assim, Brasil e Portugal, grosso modo, são os países em que o português se encontra em solo mais (lá) ou menos (cá) naturalizado. Mas o Brasil, também colônia, torceu a língua, alterou-a, abriu-a, inclusive, a sabores vindos da África no maldito processo da escravidão. O Brasil, então, se torna, para certa poesia africana de língua portuguesa, um dialogante profícuo: por um lado, sermos todos ex-colônias nos faculta a amizade de quem conhece a mesma dor; por outro, o Brasil, por ser independente há mais tempo e por já ter certa propriedade sobre o português, sabe a uma espécie de irmão mais velho – ou referência firme e não opressora.

É por essas e outras razões que a antologia *O Brasil na Poesia Africana de Língua Portuguesa*, organizada por Anita M. R. de Moraes e Vima Lia R. Martin, é tão oportuna e bem-vinda. Pertencente ao catálogo da editora Kapulana, que vem,

há vários anos, se dedicando à divulgação da literatura africana (não apenas em português) no Brasil, o livro é um investimento nas trocas culturais que se dão, em poesia, entre África e diversos aspectos da vida e da cultura brasileiras – diz o posfácio das organizadoras:

O conjunto de poemas . . . aponta para representações diversas: há poemas que apenas mencionam o Brasil, entre outros países do continente americano, como destino de africanos escravizados; há poemas que estabelecem alguma relação intertextual com obras da literatura brasileira; outros enaltecem o Brasil, desde uma perspectiva idealizada, por vezes até mesmo exotizante ou turística; há aqueles que se referem com admiração a personalidades brasileiras (escritores, compositores, intelectuais etc.); há, ainda, poemas que mencionam a opressão – e a resistência a formas de opressão – dos negros no Brasil. (101)

O elenco da antologia conta com poetas de São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Cabo Verde. O mais antigo é o angolano José da Silva Maia Ferreira, que viveu no Brasil e aqui morreu, em 1881. Maia Ferreira é autor de uma interessante *canção de exílio*, intitulada “A Minha Terra,” em que é decantada a singularidade de sua Angola em perspectiva às belezas exuberantes e já bastante cantadas de Portugal e do Brasil (o poema foi escrito no Rio de Janeiro). Também ao século XIX pertence o santomense Caetano da Costa Alegre, que convoca o Castro Alves d’ “O Navio Negreiro” para cantar uma “pálida e gentil morena” (11) que sonha um sonho inadequado a um poema de amor.

Entre os nomes contemporâneos presentes em *O Brasil na Poesia Africana de Língua Portuguesa*, ressaltem-se os da cabo-verdiana Vera Duarte e o do moçambicano Nelson Saúte, visitantes frequentes, já em plena pós-independência de seus países, do solo brasileiro. Suas poéticas já não procuram o Brasil como um lugar entre a utopia e a identificação, tampouco como contraponto de Portugal; o que fazem é lançar sobre o país amigo um olhar ainda solidário, mas cheio de clareza. O poema de Vera Duarte, “Os Meninos,” que começa com um retrato desalentado – “Sobre estas praias cheirando a maresia e a peixe podre brincam os meninos da pobreza, do abandono e do desespero” (75) –, bem poderia se referir a qualquer lugar (pobre) do mundo. De modo semelhante, um Brasil que participa de memórias em português de uma cultura com ambição universalizante é o que figura na poética de Luís Carlos Patraquim, moçambicano dono de uma lírica sofisticada e de claro rigor.

Um caso singular na antologia é o de Ondjaki, o mais jovem dos poetas do livro, pois ele não apenas frequenta o Brasil, mas tem laços bastante sólidos com o país, especialmente com o Rio de Janeiro, onde esteve incontáveis vezes, por longos períodos. Autor fartamente publicado por editoras brasileiras, o angolano já é um representante de certa ponte aérea luso-afro-brasileira que se sente à vontade em qualquer dos chãos desse tripé com feições globalizadas – é a procura desse multipertencimento que orienta, por exemplo, a emulação de Manoel de Barros num poema como “Chão,” cujo primeiro verso é “apetece-me des-ser-me” (45).

O *Brasil na Poesia Africana de Língua Portuguesa* surge como uma oportuna possibilidade de reflexão acerca da relação literária entre África e Brasil, revelando que há muito Brasil na África, para além de toda a África que há no Brasil. Essa via de mão dupla, ainda que a segunda seja mais conhecida, ainda tem muito para ser estudada.

LUIS MAFFEI é Professor de Literatura Portuguesa da UFF, pesquisador do CNPq, ensaísta e poeta. Tem diversos livros publicados, assim como vários ensaios em revistas da área e coletâneas.